



## Entrevista Especial

# ‘Papel do cooperativismo na reconstrução do RS é fundamental’, avalia Hartmann

Guilherme Kolling e Claudio Medaglia

O faturamento do sistema cooperativo gaúcho somou R\$ 86,3 bilhões em 2023, o equivalente a 13,4% do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul no período. O dado é ainda mais representativo se for considerado que as cooperativas do agronegócio, que contribuem com a maior parte do faturamento, foram fortemente impactadas pelas adversidades climáticas dos últimos anos. Ainda assim, o ramo do agro teve faturamento de R\$ 48,6 bilhões (56,3% do total) em 2023.

Quando a análise incluí as 370 cooperativas de sete diferentes ramos registradas no Sistema Ocergs, houve crescimento nas receitas, comportamento que se repete ano após ano. Além disso, as sobras (que equivaleriam ao lucro, se as cooperativas fosse empresas tradicionais) tiveram um volume 20% superior no ano passado, alcançando a marca de R\$ 5,1 bilhões.

O presidente do Sistema Ocergs, Darcy Hartmann observa que o conjunto de números superlativos resume a força do cooperativismo gaúcho, que alavanca o desenvolvimento de comunidades e o crescimento do Estado, especialmente no Interior. Nesta entrevista ao Jornal do Comércio, Hartmann destaca que, mais uma vez, as cooperativas já estão de mangas arregaçadas para trabalhar na reconstrução do Rio Grande do Sul após a catástrofe climática, e aponta o papel fundamental das organizações nessa tarefa.

Hartmann ainda avalia a performance do setor, sustenta a importância de facilitar o acesso a crédito pelo governo federal para a recuperação do território gaúcho, e aponta a importância do trabalho colaborativo, para criar um novo Rio Grande do Sul, mais moderno e preparado para enfrentar novos desafios. O presidente da Ocergs ainda comenta a meta ambiciosa das cooperativas, de alcançar faturamento anual de R\$ 150 bilhões.

**Jornal do Comércio – Como foi o exercício de 2023 para as cooperativas do Rio Grande do Sul?**

**Darcy Hartmann** – Foi um ano muito bom, com real crescimento do sistema, mostrando que esse modelo econômico e social do cooperativismo está crescendo cada vez mais através da sua profissionalização, da gestão dos seus quadros, todos os ramos cresceram. Mesmo o ramo

agropecuário, que teve queda de faturamento – tivemos quebra na soja, no milho, no trigo –, avançou no share de mercado no sistema agropecuário. Crescemos na margem líquida nos resultados, chegamos a R\$ 5 bilhões de resultados em todos os ramos, e o cooperativismo está em um processo de crescimento, estamos caminhando firmemente por (alcançar faturamento anual de) R\$ 150 bilhões. Em 2023, quem puxou o resultado foi o (ramo) Crédito. A Saúde teve crescimento de entrega, foi o segundo melhor crescimento. Basta ver o quanto cresce a Unimed, que é líder de mercado, 56% dos planos de saúde são Unimed, e 44% são todos os outros planos (no Estado).

**JC – As cooperativas gaúchas não cresceram dois dígitos em faturamento em 2023 por causa da questão climática que afeta o agronegócio. Mas o resultado – as sobras – cresceu dois dígitos...**

**Hartmann** – Em sobras cresceu dois dígitos, no patrimônio líquido cresceu dois dígitos, em todos os setores. Só no faturamento não cresceu, porque o agropecuário é o carro-chefe e teve redução de faturamento. Nesse ano, se for normal, o faturamento vai crescer dois dígitos.

**JC – Qual é o papel das cooperativas no trabalho de retomada econômica do Rio Grande do Sul?**

**Hartmann** – É de fundamental importância. Em primeiro lugar, precisamos buscar a reconstrução através do investimento na agropecuária, onde o retorno é mais rápido. Precisamos de recursos para recuperar o solo, que as enxurradas levaram com muita força. Precisamos de recursos para capitalizar o produtor, para que possa fazer seus investimentos. E com a capacidade de trabalho, a resiliência do cooperado e a capacidade de gestão e profissionalização das cooperativas, vamos realavancar essas atividades. Temos algumas regiões que precisamos ter tratamentos especiais...

**JC – Quais?**

**Hartmann** – O Vale do Taquari e o Vale do Jacuí têm cooperativas que foram destruídas. A cooperativa Certel, de Lajeado, teve prejuízo de R\$ 150 milhões, duas usinas destruídas, 70% das redes destruídas. Cooperativas de infraestrutura sofreram muito com o impacto das cheias, com armazéns inundados, produtores perdendo 70% do seu produto na lavoura. Essas regiões precisam ter tratamento diferenciado com recursos mais a



EVANDRO OLIVEIRA/JC

**Presidente da Ocergs, Darcy Hartmann destaca a recuperação dos solos**

longo prazo, precisa de investimentos com juros zero ou até a fundo perdido. Tem muito produtor que perdeu do martelo até o trator, do galpão até a casa. A Ocergs, até fazendo projetos, tem buscado recursos a fundo perdido, para que possamos alavancar esses produtores. E as outras regiões, do Planalto, que tiveram a colheita concluída, 85% ou 90% da soja tinha sido colhida, tiveram um

processo de erosão muito grande, vão precisar muito de investimento na recuperação de solo. A Ufrgs tem estudos que apontam perdas de R\$ 8 bilhões em solos. O centro de pesquisas das cooperativas da CCGL, em Cruz Alta, fala em 10 sacas de soja por hectare o potencial de redução de produtividade para o ano que vem, se não houver investimento maciço. E não temos visto sinais muito promissores de investimento... Sem contar que a Metade Sul teve perda de 50% da sua produção e já vem com dois anos de muita dificuldade, porque a seca tem sido mais intensa na Metade Sul.

**JC – O crédito acessível tem papel fundamental na retomada. O dinheiro está chegando na ponta?**

**Hartmann** – Hoje não tem chegado nada. As cooperativas têm um projeto desde o início, pedimos uma reconversão desse pacote de débitos dos últimos 3, 4 anos que o produtor está endividado, para que pudéssemos jogar tudo em um pacote e refinar em 10 anos com 2 de

carência, com juros de 3%, 5% e 7%. Para que o produtor pudesse limpar seu nome e acessar novos créditos. Em segundo lugar, no Plano Safra, a questão é a capacidade de o produtor acessar esse recurso, porque tem contas do ano retrasado, vencidas, contas do ano passado vencidas, já tem um passivo. Como vai ter a capacidade financeira de acessar esse recurso? O sistema cooperativo tem brigado para criar um fundo de aval mais robusto, para que os produtores tenham acesso a crédito, e possam fazer o alongamento à dívida, para investir no custeio. Precisamos de crédito para recuperação de solo, é através do solo que vamos potencializar a produção e fazer a recuperação da atividade econômica.

**JC – O senhor acredita que é preciso uma linha específica de crédito para o Rio Grande do Sul?**

**Hartmann** – Com certeza. O Plano Safra pode ser para o Brasil todo. Mas para o Rio Grande do Sul é preciso um fundo de aval específico e repactuação dos débitos. Então, alongamento de débitos para 10 anos e um fundo garantidor para que o produtor tenha acesso ao dinheiro do Plano Safra.

**JC – O senhor mencionou a recuperação dos solos. Quanto o impacto das chuvas deve afetar os resultados das próximas safras?**

**Hartmann** – No próximo ano, vamos ter perda de produtividade, mesmo com investimentos. Se tivermos recursos, a projeção é de em cinco anos voltarmos aos índices de produtividade anteriores à chuva. Mas precisamos investimentos. O produtor vai ter que repensar seu processo.

**JC – Qual é o papel das cooperativas de crédito para ajudar os produtores nesse cenário?**

**Hartmann** – As cooperativas de crédito têm um trabalho fundamental, com capilaridade e presença. Pode não ter nenhuma instituição financeira, mas a cooperativa de crédito está lá nos rincões do Rio Grande do Sul. Essa relação direta com o produtor e os recursos vão ser fundamentais. Tenho muito mais esperança de recurso das cooperativas de crédito do que de recursos oficiais. A cooperativa conhece seu associado, a história, não é um simples cadastro. Está lá fisicamente. E tem convivência com o associado e sabe quem paga e quem não paga.

**JC – E a necessidade de disponibilização de crédito e prazos a partir dessa nova realidade...**

**Hartmann** – A necessidade dos produtores em relação à renegociação é de 10 anos... A dívida que temos levantada é dimensionada àquilo que o produtor deve nas cooperativas, que é R\$ 3 bilhões. O índice de endividamento é muito alto, porque em



Chegamos a R\$ 5 bilhões de resultados (em 2023), o cooperativismo está em um processo de crescimento